

## ETIMOLOGIAS NUMA VISÃO CULTURALISTA DE SERAFIM DA SILVA NETO<sup>1</sup>

Horácio Rolim de Freitas  
USU e UERJ

Nunca é demais destacarmos a importância de Serafim da Silva Neto nos estudos lingüístico-filológicos no Brasil e em Portugal. Inúmeras são as contribuições que a ele devemos, desde a monumental História da Língua Portuguesa, ainda sem similar ou substituta em ambos os países, até as etimologias que solucionou, depois de longas pesquisas, sempre sob princípios científicos comprovados. A argúcia e a profunda formação filológica permitiram-no penetrar em vários setores dos estudos lingüísticos, com a competência de mestre. Assim foi em relação à língua portuguesa no Brasil, às diretrizes dialetológicas, à formação histórica da língua portuguesa (desde as transformações do latim corrente), ao tratamento dos textos medievais, ao desenvolvimento da Filologia no Brasil, ao estudo de dialetos crioulos, à direção da Revista Brasileira de Filologia. Tudo realizou com dedicação e paciência de um peregrino. Onde havia dúvidas, imprecisão, ali estava Serafim para desfazê-las.

A Filologia Românica, o alemão, o latim corrente, os textos medievais e outros instrumentos de trabalho eram-lhe familiares. Sabia usá-los e usou-os com mestria. É o que procuraremos comprovar no complexo campo das etimologias.

Antes de apresentarmos algumas etimologias cujas explicações devemos a Serafim da Silva Neto, faremos uma rápida introdução sobre a origem do método de que se valeu o insigne filólogo.

Não desconhecem os estudiosos que a noção de língua como *organismo vivo* dos naturalistas (Schleicher) foi suplantada pela concepção de língua como *atividade social*.

A propósito, lembramos palavras de Schuchardt citadas por Serafim:

---

<sup>1</sup> Palestra proferida no Liceu Literário Português em 13/6/1996.

"O fenômeno lingüístico, longe de ser linear e simples (como julgavam os neogramáticos) era complexo e, não raras vezes, uma linha quebrada e sinuosa". (apud *Lingua, Cultura e Civilização*, pág.41.)

A Filologia românica teve seus métodos renovados com a prova de campo graças aos trabalhos de Gillièreon e à criação da Geografia Lingüística. Advieram daí dois princípios básicos:

- 1º- é possível reconstituir em bases firmes a história da língua;
- 2º- os falares não representam ininterrupta tradição latina, mas sim sofrem há séculos a pressão da *língua comum*.

Destacando as novas conquistas no século XX, no desenvolvimento da Filologia, Serafim da Silva Neto afirma a necessidade do íntimo entrosamento entre a Filologia e a Sociedade, o Folclore, a Literatura e a Sociologia. Daí os estudos lingüísticos terem encontrado o seu verdadeiro e adequado lugar como parte integrante da *história da cultura*.

É oportuno repetir as palavras de Gillièreon: "Cada palavra tem a sua própria história."

Este princípio culturalista levou Serafim a uma conclusão: "Dicionário que não faça a história das palavras não passará de um simples catálogo." (apud *Manual de Filologia Portuguesa*, pág. 354)

Em *Estudos Filológicos*, em homenagem a Serafim da Silva Neto, o Prof. Sílvio Elia assim ratifica esse princípio culturalista:

"Na verdade, numa *perspectiva culturalista*, importam menos as tendências (evolutivas) que os fatos, colhidos em acuradas pesquisas ou em investigações de gabinete."

Procurou o Prof. Serafim da Silva Neto estabelecer a história externa do latim provincial, para penetrar-lhe na história interna, de que é exemplo a sua obra *História do Latim Vulgar*.

Cabe, aqui, lembrar as judiciosas ponderações do lingüista Bertil Malmberg:

"As palavras, suas significações e suas alterações devem ser compreendidas em suas ligações com os conceitos de que elas são a imagem. Para a descrição, por exemplo, de língua de população rural, é necessário familiarizar-se com os costumes, as ferramentas e os métodos de trabalho dessa coletividade." (*As Novas Tendências da Lingüística*, pág. 95).

"As investigações sobre a *língua* e sobre *as coisas* devem caminhar emparlhadas", conclui Malmberg.

O método conhecido como *Palavras e Coisas* foi utilizado por importantes romanistas, como: Karl Jaberg e Jakob Jud, Gerhard Rohfls, Paiva Boléo, aos quais acrescento Serafim da Silva Neto. Essas pesquisas entre *a lingua e as coisas* vêm mostrar que, para alguns aspectos, a linguagem humana não pode ser isolada do meio em que é utilizada.

Passemos às considerações de Serafim da Silva Neto, começando com a etimologia da palavra *F I G A D O*.

*Iecus, iecōris* (fígado), diz-nos Serafim: "cedo saiu da linguagem corrente e dela não ficaram representantes românicos." "As designações para *fígado* mostram claramente como a história das palavras é parte inseparável da *história da cultura*."

Sabe-se que era costume dos gregos cevar certos animais, principalmente o porco *com figos*, tornando-lhe o fígado *gordo e gostoso*.

Em grego, usava-se a expressão *hepar sykotón* "fígado engordado". Em latim, *ficātum* já está documentado no século III d.C. em obra de Apício: *De re coquinaria*.

Ensina Serafim da Silva Neto que há correspondentes românicas tanto de *ficātum*, quanto de uma forma *ficātum*, desta temos o espanhol *hígado* e o português *fígado*.

O Prof. Serafim traça a seguinte evolução:

1º- O grego *sykotón* foi adaptado no latim como *\*sícoton*, passando depois a *ficōtum* por influência de *ficum*. De *ficotum* passou a *\*ficātum*, com -a- na 2ª sílaba, à semelhança de *hépate*, o que explica, também, a forma *fecatun*, opinião esta defendida por Schuchardt.

Mais tarde é que surgiu a forma *ficātum* por influência do sufixo -*atum*, tão frequente no vocabulário latino. Confirmação românica tem-se no *sardo* onde há as duas formas: *ficātum* e *ficātum*.

2º- Outro aspecto observado por Serafim diz respeito aos empréstimos gregos. A influência de uma língua sobre outra se efetua em camadas sociais diferentes: uma *camada elevada*, culturalmente, e uma *camada popular*. Exemplo dessa diferença temos na palavra *ídolo*, pronunciada na camada mais culta, à pronúncia grega: *idólu*, onde a penúltima sílaba era tônica, ao passo que nas camadas populares a pronúncia se fazia à maneira da língua original: *ídolu*.

Para corroborar a tese de Serafim da Silva Neto, temos a afirmação de Gaston Paris na obra *Miscellanea Linguistica in onore di G. Ascoli* (1901)

onde o autor mostra, a par de *ficātum* que havia no latim vulgar *fecātum/fecātum* e *ficātum*. Desta última é que provém a palavra *fígado* do português (citação de Leite de Vasconcelos, em *Lições de Filologia Portuguesa*, pág.360)

Para comprovação desta forma *ficātum*, colhemos exemplo em obra do século VI, o tratado de culinária: *COMER & CIA*, de ANTHIMUS, sobre ensinamentos dietéticos, mais conhecida pelo título *De observatione ciborum*, que mereceu estudo de nosso Mestre Olmar Guterres da Silveira, parte já publicada em artigo (apud *Estudos Universitários de Linguística, Filologia e Literatura*, em homenagem ao Prof. Sílvio Elia). Quando Antimo procura explicar a utilização do *fígado* de porco, lê-se a seguinte passagem:

"De fiçãto porcino frixo penitus non expedit nec sanis nec infirmis."

Finalmente, Serafim procura justificar a mudança de posição do acento (*fiçãto* para *fiçãto*) através da fonética sintática em situação proclítica ou enclítica, como já ocorreu com outras palavras dentre as quais cita: *illum* por *illum*, já aparece em Plauto, e em *illac* por *illac*, dando em português o advérbio *lá*.

Outras lições sobre etimologia encontramos, por exemplo, em recensão crítica à obra de Huber *Alterportugiesisches Elementarbuch* (Manual de Gramática Histórica Portuguesa). Desta destacamos dois exemplos que mereceram retificações de Serafim da Silva Neto.

1) Huber explica a evolução de UNU para UM por apócope.

Lembra Serafim:

1º- É marca evolutiva da língua portuguesa a síncope das consoantes /l/ /d/ e /n/ intervocálicas. Daí a evolução de /n/: rana > rãa > rã ; bene > bēe > bem ; vini > vñi > vim ; bonu > bõo > bom.

2º- O feminino comprova a síncope do /n/: una > ãa > uma.

3º- Não faltam nos textos arcaicos formas com /u/ dobrado e sinal de nasalidade, como também ocorre com o feminino.

2) Huber dá as formas NOSCU e VOSCU como hipotéticas, quando já estão citadas no *Appendix Probi* (séc. III d. C.):

nobiscum non noscum ; vobiscum non voscum

Outra obra que recebeu resenha crítica de Serafim da Silva Neto foi *Do Latim ao Português*, de Edwin Williams, original inglês, de 1938, com tradução para o português por Antônio Houaiss, em 1961, publicação do Instituto Nacional do Livro.

Destacamos alguns verbetes cuja etimologia foi comentada por Serafim.

1º - *Tagenia* - Williams descreve *tagenia* por influência grega em lugar de *tagenia* (taëia > taíia > taia > tainha).

Não foi influência grega, explica Serafim, pois outros há com a mesma situação fônica, como: *tipidu*, *dicima*, *dibita* resultado da metafonia (antes *tepidu*, *decima*, *debita*); também *ciriu* por *ceriu*, todos por influência do /i/ da penúltima sílaba, daí tainha de *taginia*; túbio de *tipidu*; dívida de *dibita*; dízima de *dicima* e círio de *ciriu* (a *tagenia* e *tepidu* acrescentamos os outros exemplos).

2º - *Avulum* - Williams tira avô e avó de *avulum* e *avulam*. Ensina Serafim que no latim corrente usava-se o diminutivo de *avia* (avó), isto é: AVIOLA provindo de AVIOLA, pois nos hiatos em que -i- e -e- eram tônicos, dava-se a diástole. Outros exemplos; *muljere* > *muligre* / *linteolu* > *lin-teolu* (lençol) / *pariete* > *pariete* > parede (houve fechamento da vogal tônica /e/), o mesmo sucedeu em *aviolu* > *avoo* > avô. Nestes dois casos, em que a vogal tônica não permaneceu aberta, Serafim atribui à influência do *iode*, antes de haver a síncope do /l/, seguindo os passos de Américo Castro e Millardet.

3º - *Hereditare* - Williams admite a seguinte cadeia: *hereditare* > *\*heredar* > *\*heredar* > *herdar*.

Williams omite a sonorização do /t/ e a síncope do /d/. Serafim propõe a cadeia: *hereditare* > *heredar* > *heredar* > *herdar* com haplologia da sílaba /de/ e, depois, síncope da vogal pretônica. Williams não levou em conta a cronologia: a sonorização do /t/ se dá por volta do século Vº e a queda do /d/, por volta do século X.

Diz-nos Serafim que a forma *heredar* é bem documentada. Nascentes também confirma a *haplologia* em *heredar*.

4º - Quanto ao verbo *morrer* Williams admite a seguinte cadeia:

*\*morere* > *\*morre* > *morrer*

Serafim critica o fato de Williams considerar a forma *morre* hipotética e, portanto, não a documenta. Ora, já nos séculos XII e XIII, no *Cancioneiro da Vaticana*, aparecem as formas *morrer* e *morreron*. Nas *Cantigas d'Amor*, de Nunes, encontram-se *morrer* e *morrei*. Na *Demanda do Santo Graal*: *morrer* e *morriria*.

Conclui Serafim que a forma com dois -rr- criou-se no português proto-histórico ou antes.

Corroborando com a afirmação de Serafim, lembramos que os fatos históricos vêm em seu favor, pois é de *morĕre* que devem originar-se *morre*; *morrei* e *morro*, uma vez que já no latim corrente *morere* substituiu a forma depoente *mori*.

Grandgent (*Introduccion al Latin Vulgar*, pág.93) diz-nos: "Muitos verbos depoentes são usados como ativos por Petrônio. No latim vulgar tardio *mori* e *segi* seguem igual caminho."

Já na *Coena Trimalchionis* do *Satiricon*, de Petrônio, encontramos exemplo de verbo depoente usado em forma da voz ativa:

- "Videris mihi, Agamenon, dicere: "quid iste argutat molestus?"

O interlocutor responde:

"Quia tu, qui potes *loquere*, non *loquis*."

(Parece-me, Agamenon, perguntares: "O que repete esse inoportuno? Porque tu, que podes falar, não falas.")

5° - Williams tira nosso *pude* de POTUI > \*POUDI > \*PODI > PUDE.

Williams, diz-nos Serafim, trata a língua, secamente, como puro material. Não nos dá um quadro histórico da evolução do português, espelhada na cultura de seu povo, isto é, não encadeia a *história externa* com a *história interna*.

No presente exemplo, de que há inúmeros casos semelhantes em formas verbais, a alteração da vogal tônica se deve à *metafonia*. *potuī* > *potwi* > *poti* > *pude*" (cf. *potuit* > *potwi* > *pôde* - não ocorreu na 3ª pessoa.

Outros exemplos:

*veni* > *vini* > *vĩ* > *vim* / *feci* > *fizi* > *fiz*

*legi* > *ligi* > *lii* > *li*

Nesse verbete, Serafim lembra palavras de *Schuchardt*: "Não interessa, propriamente, a etimologia da palavra, senão a sua história."

6° - Williams para explicar a palavra *pobre* parte do latim clássico: *paupĕrem* > \**popĕrem* > *pobre*, acrescentando que em algumas palavras o *ditongo AU* passou a *-O-* no latim vulgar. Não é exato, diz-nos Serafim, "o *ditongo -au-* manteve-se durante o período *latino* e o período *romança*, só no *séc. X* é que se transforma em *-OU-*"

*PAUPERE* E \**POPERE* são formas *divergentes*, a 2ª é variante *diale*-*tal*.

Para explicar o /o/ de \* *popere*, Williams recorre a Huber "influência de nobre < nobilis.

Pergunta Serafim: e *oris* de *auris*, e \**foce* de *fauce*?

NOTA- A imprecisão de Williams pode ser facilmente comprovada pela explicação de Serafim:

1º) O ditongo -AU- manteve-se até o séc. X, só então evoluiu para -OU-.

*Exempla in textos do latim bárbaro:*

séc. IX (847) in Leite de Vasconcelos:

"unus ad allios *aut* ipsa eclesia"

(883) "vendimus arbores fructuosas, *sautos*..."

séc. X (907) "Conzedo tiui (tibi) mancipias meas (Mariamen et Sahe-  
ma et Zafara) ipsas *mauras*"

*A forma -OU-em textos:*

séc. XIII *Notícia de Torto*; "que oueru de seu pater..."

séc. XII *Testamento* . . . assi como todo u *outro* herdamento."

séc. XIII *Título de Compra*: "Cunuçada *cousa* sega a tudos aquiles que este fectu uirĩ e *ouuirẽ*.." (sega: seja)

Serafim ensina que, a par das formas com ditongo -AU-: *laudare, cauda, gaudere, audire, paupere, fauce*, existiram formas monotongadas: -AU- > -O- de origem dialetal, influência úmbria onde encontramos toru por tauru.

Daí admitir Serafim as formas \**lodare, coda, \*godire, \*odire \*popere, \*foce*. Estas formas explicam as do português arcaico: *loar, coa, goir, oir* e , portanto, as atuais *pobre* e *fz*.

São formas antigas do latim, que não ocorreram em todas as palavras com o ditongo -AU-.

Serafim cita exemplo explicado por *FESTO*: "*Orata* genus piscis a colore auri dicta, quod rustici *orum* dicebant aut auriculas, *oriculas*". (apud *Fontes do Latim Vulgar*, pág. 121).

Há, ainda, exemplos em cartas de *Cícero*, bem como no *Appendix Probi*, confert: *auris non oricla*.

Autores que admitem, além de Serafim, o étimo *monotongado* ainda no latim:

Pe. A. Magne (*Glossário da Demanda*): *Loar-* variante antiga de *louvar*. Representa o verbo latino *Lodare*.

Acrescenta: "Dá-se idêntica redução em *oir*; *coa*, *pobre*, *foz*, a par destas, coexistiram outras com *ditongo -ou-* *louar*, *ouir*, e destas é que procedem as atuais *louvar*; *ouvir*".

Väänänen (*Introduccion a l Latin Vulgar*, pág. 75): "A monotongação de *-au-* a *-o-* deu-se muito cedo no *umbro* e em *falares vizinhos do Lácio*, infiltrando-se em Roma como provincialismo.

Cita o gramático Festo: "Os rústicos pronunciavam *orum* por *aurum*; *oriculas* por *auriculas*; *ostia* por *austia*; *coda* por *cauda*".

Grandgent (*Introduccion a l Latin Vulgar*, pág. 142, 143): "O *ditongo AU* conservou-se *AU* no provençal e no rumeno. No português passou a *-OU-*. O *umbro* e *falisco* tinham *-O-* em lugar do latim *-AU-*. Inscrições *úmbricas* registram *toro* por *tauru*. Os gramáticos Probo, Diomedes e Festo falam em um *-O- rústico* ou arcaico por *-AU-*. Este *-O- rústico* foi usado em algumas palavras do latim vulgar *coda* (*cauda*), *foces* (*fauces*), \* *ot* (*aut*) (em *úmbrico: ote*)."

B. Vidos (*Manual de Lingüística Románica*, pág. 185): "La pronunciación *-o-*; además de plebeya, era considerada también como arcaica." "Plauto, que era plebeyo y *umbro*, para ocultar su origen cuida muy bien de no escribir nunca *-o-* por *-au-*."

Marouzeau (*Traité de Stylistique Latine*, pág. 5 e 6): "A vogal está reduzida em *orata*, nome de um peixe do mar, portanto, estranho à língua de Roma; nos termos que designam coisas do campo: *codex*, *colis* (repolho), *copo* (taverneiro), *plostrum* (carreta). É sem dúvida pelas pessoas do campo que chegamos a pronúncias como esta de *oricula* ou *oricilla*."

Carlo Tagliavini (*Le Origini Delle Lingue Neolatine – Introduzione alla Filologia Romanza*, pág. 194): "*Au* tende a reduzir-se a *-o-*. *O* por *AU* era pronúncia vulgar, largamente atestada nos dialetos rurais e mesmo em Roma: *plostrum* por *plaustrum*; *coda* por *cauda*."

Conclui Serafim: Já Meyer-Lübke ensinava: "A história do ditongo *-AU-* mostra, de modo mui instrutivo, que as correntes dialetais que se manifestavam em Roma no princípio de nossa era não foram absorvidas pela língua geral." (*História do Latim Vulgar*, pág. 155, 157).

Sobre as formas *loar* e *louar*; *oir* e *ouir* do português arcaico é bem conhecido o capítulo da obra *Estudos Lingüísticos*, 1º vol., do Prof. Herculano de Carvalho.

O ilustre mestre, antes de apresentar o seu posicionamento sobre a origem dessas formas verbais, parte do critério de J. J. Nunes, citando-lhe os exemplos: *cauda-coda* ; *fauce-foz* ; *loar* < \**lodare* e *oir* < \**odire*.

Observa que o ditongo *-OU-*, segundo Nunes, teria provindo do desenvolvimento de um *-U-* nestas formas: *loar* > *louar* ; e *oir* > *ouir*. Daí o *-U-* produziu um *-U-* que se consonantizou: *loar* > *louar* > *louvar* ; *ouir* > *ouu-uir* > *ouvir*.

A cadeia, segundo Nunes , seria: \**lodare* > *loar* > *louar* > *louvar* > *louvar*.

Diz o Professor Herculano de Carvalho que esta explicação é perfilhada por Leite de Vasconcelos em *Lições de Filologia Portuguesa*, 3a ed., pág. 103, e por Serafim da Silva Neto.

Contudo, indo-se à fonte, constata-se que essa *não é a lição* de Leite de Vasconcelos.

Leite, ao comentar palavras da *cantiga* de *D. Dinis*:

/ Quer'eu en maneira Proençal

/fazer agora un cantar d'amor /

assim explica a forma *loar*: *loar* "louvar" : lat. \* *lodare* < *laudare*.

Portanto, Leite de Vasconcelos tira *loar* de \* *lodare* e não se refere à forma *louar* nem desta deriva *louvar*.

Admite, ainda, o Prof. Herculano de Carvalho que o critério de Nunes foi perfilhado recentemente por Serafim da Silva Neto, citando-lhe as *Fon-tes*, pág. 76 (1946), e a *História do Latim Vulgar* (1957), pág. 156.

Ora, basta consultar as duas obras indicadas, para se constatar que Serafim da Silva Neto *não espousa* o critério de Nunes. Serafim deriva *loar* de \**lodare* e *oir* de \**odire* e não relaciona a estes étimos as formas *louar* e *louvar*, *ouir* e *ouvir*.

Adverte, sim, que as formas \**lodare*, donde tirou *loar*, e \**odire*, donde tirou *oir* são palavras do latim usual, formas *dialetais*, divergentes portanto. Ensina-nos que o ditongo *-AU-* (*laudare* e *audire*) manteve-se durante a fase do latim corrente. A evolução a *-OU-* , que se observa em português, ascende ao *séc. X*. Acrescente-se que Serafim da Silva Neto arrola nada menos de *15 exemplos* de formas *dialetais* em *-o-*. Logo em nada condiz com o critério de Nunes.

O Prof. Herculano de Carvalho, não aceitando a explicação de J.J. Nunes, apresenta suas justificativas:

1a) "Não há pois razões para supor que as formas com *monotongo -loar, oir* precedam cronologicamente *louvar, ouvir*."

2a) "Não há pois razão para crermos que as formas modernas *louvar, ouvir* procedam de *loar, oir*, nem que estas suponham a existência de étimos com *AU monotongado \*lodare, \*odire*. É agora chegada a ocasião para nos perguntarmos como se explica, portanto, a existência de duas séries de formas."

Creemos que as perguntas do Mestre já foram respondidas:

1º) A monotongação de *AU > O* não se deu só em *\*lodare* e *\*odire*. Serafim apresenta 15 exemplos dentre os quais alguns já atestados por gramáticos latinos e usados inclusive por Cícero, étimos esses citados, como já vimos, por Vidos, Grandgent, Väänänen, Tagliavini, Augusto Magne.

2º) Formas coexistentes aparecem na linguagem usual e na linguagem dialetal. Lembramos o caso de *laxare* e *\*daxare*, também solucionados por Serafim da Silva Neto.

Vejamos, no entanto, a conclusão a que chegou o Prof. Herculano de Carvalho:

"Parece-me que desde já podemos concluir, sem receio, que as formas monotongadas dos continuadores galego-portugueses daqueles étimos representam de fato, como supus, um *particularismo dialetal galego*. *Loar* e *oir* são pois *galeguísmos* que a linguagem poética trovadoresca aceitou."

"Todavia, determinada a origem dialetal das variantes com *monotongo*, não está ainda explicada a sua gênese. A explicação afigura-se-me, porém, muito simples, se considerarmos a série *oir, loar*, etc., de um lado, e *ouvir, louvar*, do outro, como divergentes, geograficamente condicionadas, de uma base *ouir, louar*, em que a inusitada seqüência *-oui, -oua*, foi resolvida, ora pela redução do ditongo *OU* a *O*, donde *oir, loar*, ora pela introdução de um *-v-* *anti-hiático* entre o *U* e a *vogal* seguinte."

OUIR > oir / ouvir ; LOUAR > loar / louvar.

OBS: Vê-se que a explicação do Prof. Herculano de Carvalho constituiu-se num *esquema* em que não se leva em conta a história da palavra, a cronologia, a base dialetal do latim corrente, nem a constatação de *várias formas monotongadas no latim*, nem o fato de a *monotongação* ter-se processado em outras palavras além dos verbos *loar* e *oir*:

Acresço à relação dos autores já citados o nome de D. Carolina de Michaëlis (*Revista Lusitana*, Editora Lucerna, 1990) que no *Glossário do Cancioneiro da Ajuda* tira *loar* de *lodare* (por *laudare*); *loado* de *lodatu* (por *laudatu*).

LUGAR- Outra etimologia cuja explicação parece duvidosa, corrente em alguns compêndios e dicionários, é a da palavra *lugar*, geralmente tirada de *logar*, esta provinda do latim *localis* (do radical *lōcus*).

Contudo, a par da forma *logar*, ocorreu *lugar*, provinda de \* *lucalis* (com base em *lucus* por *lōcus*)

Compare-se com *ad+ v. lucare: alugar*.

Diz-nos o Prof. Serafim que houve duas formas da mesma palavra, com evolução diferente e bases diferentes: *locus* e *lucus*.

*Lugar* de \**lucalis* ( base *lucus* por *lōcus*)

*lucus* (< \**stlocos*) é forma bem documentada, assevera o Prof. Serafim. Cita Schuchardt (*Vokalismus Vulgarlateins*) e Seelmann (*Aussprache des latein*)

Também Leite de Vasconcelos, embora sem explicar, admite \**lucaris* > *lugar* (*Revista Lusitânia*, IV)

Lembra Serafim que *lugar* já aparece em documentos de 1062.

\*

CADEIRA (*História da Língua Portuguesa*, pág. 169)

Parece simples derivar *cadeira* de *catedra*. Vocalização do /d/ ?!

Não menos importante é a lição que nos dá Serafim da Silva Neto ao pesquisar a origem desta palavra.

*cathedra* passou a *cathetra* ( -dr- -tr- \* *taidros* > *taitros* > *taeter*). A forma *cathetra* está documentada no *fragmentum muratorianum*- séc. II d.C. Mudança facilitada por ser a terminação *-tra* sentida como *sufixo*, assimilada, por ex., a *fenestra*.

A forma *cathetra* passou a *catecra* por dissimilação *-t-t* > *t-c* (há exemplos na África de *tr* > *cr* (cita Sommer.)

*Catecra* explica o it. *carrega*, o calabrês *catreca* (forma esta registrada no *Dizionario dialettale delle tre calabrie*, de Rohlfs) e explica, também, o veneziano *cadeгла*.

Portanto, a forma do português: *cadeira* representa a evolução de *catecra* em que, além da *sonorização* do *-t*- houve, ai sim, vocalização do fonema *velar /k/*.

\*Cumprе consignar que formas intermediárias já tinham sido atestadas por especialistas estrangeiros. Cf. Corominas (*Breve Diccionario Etimologico de la Lengua Castellana*): *cadera* (lat. vg. *cathégra*).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ELIA, Sílvio - A Contribuição Filológica de Serafim da Silva Neto, artigo em Estudos Filológicos (homenagem a Serafim da Silva Neto), Rio, Edições Tempo Brasileiro Ltda., 1967.
- GRANDGENT, C.H.- Introducción a l Latín Vulgar (tradução espanhola de Francisco de B. Moll) 2a ed., Madrid, Publicaciones de la Revista de Filología Española, 1952.
- HERCULANO DE CARVALHO, J.G.- Estudos Lingüísticos, 1º vol., 2a. edição, Coimbra, Atlântida Editora, 1973.
- MAGNE, Augusto- A Demanda do Santo Graal, vol. III, Glossário, Rio, Imprensa Nacional, 1944.
- MALMBERG, Bertil- As Novas Tendências da Lingüística (tradução da edição francesa por Francisco da Silva Borba) São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1971.
- MAROUZEAU, J.- Précis de stylistique français, Paris, Masson, 1946.
- NUNES, José Joaquim- Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa, 5a. ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1956.
- SILVANETO, Serafim da- História da Língua Portuguesa, Rio, Livraria Acadêmica, 1957.
- \_\_\_\_\_ Fontes do Latim Vulgar, 3a.ed., Rio, Livraria Acadêmica, 1956.
- \_\_\_\_\_ História do Latim Vulgar, Rio, Livraria Acadêmica, 1957.
- \_\_\_\_\_ Manual de Filologia Portuguesa, 2a. ed., Rio, Livraria Acadêmica, 1957.
- \_\_\_\_\_ Língua, Cultura e Civilização, Rio, Livraria Acadêmica, 1960.
- SILVEIRA, Olmar Guterres da- "Comer" & Cia -Num Tratado do Século VI, artigo publicado em Estudos Universitários, de Lingüística, Filologia e Literatura (homenagem ao Prof. Dr. Sílvio Elia), Rio, Edição da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, 1990.
- TAGLIAVINI, Carlo- Le Origini delle Lingue Neolatine-Introduzione alla Filologia Romanza, 3a.ed., Bologna, Casa Editrice Prof. Riccardo Patron, 1959.
- VÄÄNÄNEN, Veikko. Introducción al Latín Vulgar (tradução espanhola de Manuel Carrion), Madrid, Editorial Gredos S.A. 1968.
- VASCONCELOS, José Leite de. Lições de Filologia Portuguesa, 3a.ed., Rio, Livros de Portugal, 1959.
- VASCONCELOS, Carolina de Michaëlis. Lições de Filologia Portuguesa, Lisboa, Edição Revista de Portugal, 1946.
- \_\_\_\_\_ Glossário do Cancioneiro da Ajuda (apud Revista Lusitana. vol. XXIII, Nº 1-4), Rio, Editora Lucerna, 1990.
- VIDOS, B.E. Manual de Lingüística Románica, Madrid, Aguilar, 1968.
- WILLIAMS, Edwin. Do Latim ao Português, Rio, MEC, Instituto Nacional do Livro, 1961.

\*\*\*